

**Pedro Henrique Varoni  
de Carvalho**

Universidade Federal de  
São Carlos  
São Carlos, SP, Brasil

## **A EXPERIÊNCIA DO POLO AUDIOVISUAL DA ZONA DA MATA DE MINAS GERAIS: UMA REPORTAGEM ARQUEOLÓGICA**

### **THE POLO AUDIOVISUAL DA ZONA DA MATA EXPERIENCE: AN ARCHAEOLOGICAL REPORT**

#### **RESUMO**

O artigo descreve as condições de emergência e de sustentabilidade do Polo Audiovisual da Zona da Mata como modelo de descentralização das narrativas audiovisuais e de reconhecimento da cadeia produtiva do cinema, envolvendo diversos atores e processos. Com base no jornalismo de soluções e numa visada arqueológica de base foucaultiana, realizamos uma pesquisa de campo na cidade para levantar o histórico de constituição do Polo e sua singularidade como cluster do audiovisual promovendo o encontro entre uma rede sincrônica e diacrônica. Com o estudo de caso objetiva-se indicar alguns processos de trabalho que podem ser adaptados para outras realidades histórico-territoriais.

**Palavras-chave:** Polo Audiovisual da Zona da Mata; Clusters do audiovisual; jornalismo de soluções.

#### **ABSTRACT**

The article describes the emergency and sustainability conditions of the Zona da Mata Audiovisual Pole as model for decentralizing audiovisual narratives and for recognizing the cinema production chain, involving different actors and processes. Based on solutions journalism and a Michel Foucault archeology, we conducted a field survey in the city to sorver the history of the polo's constitution as an audiovisual cluster promotion the encounter between a synchronous and diachronic network. The case study aims to indicate some work processes that can be adapted to other historical territorial reality.

**Keywords:** Zona da mata audiovisual pole; audiovisual clusters; solution jornalismo.

Recebido: 26/01/2021 / Aprovado: 27/04/2021

Como citar: CARVALHO, Pedro Henrique Varoni deA experiência do Polo Audiovisual da Zona da Mata de Minas Gerais: uma reportagem arqueológica. Revista GEMInIS, v. 12, n. 2, pp. 368-393, mai./ago. 2021.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 3.0 Internacional.

## 1. INTRODUÇÃO

Apresentamos neste artigo um estudo de caso do Polo Audiovisual da Zona da Mata de Minas Gerais, criado em 2002 e se constituindo num cluster em torno da produção audiovisual na região de Cataguases-MG. Nossa intenção é discutir aspectos que contribuíram para sustentabilidade do projeto. Ao fazê-lo, pretendemos indicar algumas possibilidades de adaptação de modos de organização do trabalho ali desenvolvido para outras realidades histórico-territoriais, especialmente no que se refere à valorização da indústria do audiovisual de forma descentralizada, dinamizando a cadeia produtiva.

Nossa hipótese é de que a atenção à governança, educação e mercado tem sido responsável ao longo do tempo tanto pela estabilidade quanto pelos aspectos inovadores do projeto. Uma outra característica é a relação de identificação com domínios de memória, particularmente com o gesto inaugural do cinema autoral brasileiro através da figura de Humberto Mauro. A relação entre esses aspectos simbólicos, um modelo de governança e a sustentabilidade econômica do projeto são fatores que explicam o engajamento e identificação da comunidade aos discursos e práticas que transformaram o ambiente da cidade. O que difere um Arranjo Produtivo é justamente essa capacidade de conexões entre iniciativas individuais- o empreendedor, a firma, a start up - através de uma mediação que amplie a capacidade de conhecimento nessa comunidade. João Massarolo e Dário Mesquita (2018) chamam atenção para as conexões envolvidas num Arranjo Produtivo.

APLs são como nós de uma rede criativa formada por diferentes expertises profissionais, fazendo convergir conhecimentos e inovação para os modelos de negócio, a fim de manter a cadeia produtiva como um circuito econômico emergente (MASSAROLO; MESQUITA, 2018)

O artigo pretende não só descrever as particularidades da experiência de Cataguases, a partir de práticas jornalísticas, como refletir acerca das metodologias para estudos de caso de clusters culturais. Propomos, nesse sentido, um cruzamento entre a arqueologia do saber (FOUCAULT, 2004) e práticas deontológicas do jornalismo. Organizamos nossa análise como a preparação de uma pauta de reportagem, seguida de uma imersão na cidade de Cataguases, vivenciando aspectos da produção de três filmes em diferentes estágios e entrevistando trabalhadores da cadeia produtiva do audiovisual.

Assim, o estudo proposto tem uma dupla intenção. Refletir sobre a utilização de ferramentas do jornalismo para estudos de casos e demonstrar os aspectos que justificam o relativo acerto no projeto de Cataguases, procurando, com isso, estimular outras iniciativas de fomento à produção audiovisual no Brasil. O artigo está dividido em três partes. Na primeira, detalhamos os aspectos da organização da pauta, tanto no que se refere à coleta de dados que antecede a imersão no campo quanto em uma certa “ordem do olhar”, fundamentada na arqueologia foucaultiana, para preparar o

trabalho presencial. Na segunda buscamos uma descrição/interpretação do que é o Polo Audiovisual da Zona da Mata, utilizando de procedimentos jornalísticos em cotejamento com a metodologia do arquivo (AGAMBEN, 2019). O terceiro ponto, de caráter mais conclusivo, diz respeito aos elementos que tem permitido a concretização de grande parte dos objetivos do Polo e o que essa experiência pode ensinar à organização de novos clusters do audiovisual fora dos grandes centros.

Os clusters consistem no agrupamento de micro e pequenas empresas num determinado território e que passam a produzir de maneira especializada para atender a um setor específico da economia. A característica que define um cluster é, portanto, uma vocação disseminada em empresas e sujeitos que se dedicam a ela numa estrutura de complementaridade e colaboração. A existência desses arranjos é dinamizada por investimentos públicos, presença de universidades ou centros de pesquisa e agentes financiadores privados. Esses ambientes são caracterizados por redes de aprendizagem interativa e capacitação inovativa dos agentes. A manutenção ou sustentabilidade desses projetos depende, portanto, de inúmeros fatores: dos econômicos ao ambiente de aprendizado constante. O ponto que gostaríamos de investigar é tanto a relação de identificação quanto de confiança mútua que alicerça tais arranjos.

Do ponto de vista teórico, recorreremos ao pensamento arqueológico e genealógico de Michel Foucault (2004), em diálogo com as contribuições do geógrafo brasileiro Milton Santos. A intenção é delimitar a convivência entre uma rede sincrônica (que se dá num determinado recorte espaço-temporal) com outra diacrônica que põe a funcionar domínios de memória, sobretudo relacionados, no caso do Polo, ao gesto precursor do cinema autoral brasileiro- a partir da trajetória de Humberto Mauro. O tipo de abordagem proposto busca complementar os estudos sobre os arranjos produtivos locais a partir de considerações sobre os aspectos simbólicos e imaginários envolvidos nas ações culturais.

Os procedimentos de levantamento e organização de informações seguindo preceitos jornalísticos podem ser enquadrados do que se denomina jornalismo de soluções, “reportagens críticas que investigam e explicam soluções credíveis para problemas sociais.” (CURRY, HAMMONDS, 2014, p.5). O jornalismo de soluções procura investigar como pessoas, instituições ou comunidades trabalham para solucionar problemas e por que essas soluções funcionam. Dessa forma, são as perguntas que orientam a investigação a ser empreendida.

## **2. PREPARANDO A PAUTA: QUESTÕES METODOLÓGICAS E DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES**

Cataguases, cidade de 74 mil habitantes da zona da mata de Minas Gerais, se destacou, entre outros aspectos, por ser berço de uma produção precursora do cinema brasileiro através da figura de

Humberto Mauro (1897-1983) e de um experimento cultural conectado com as forças mais expressivas do modernismo brasileiro – a *Revista Verde* - que circulou entre 1928 e 1929; além de dispor de um conjunto arquitetônico com obras de Oscar Niemeyer e Francisco Bolonha. Domínios de memória que se atualizam na criação, no início do século XXI, do Polo Audiovisual da Zona da Mata, organização que vem transformando a cidade num centro de referência de produção de filmes e de difusão da educação em torno do eixo do audiovisual. A relação estabelecida entre um projeto global e as singularidades da experiência de Cataguases demanda um trabalho arqueológico no sentido atribuído por Michel Foucault (2004) na sua metodologia do arquivo: o de buscar no presente indícios de ressignificação dos signos do passado.

A arqueologia foucaultiana constitui uma espécie de matriz teórica, com a proposta de desnaturalizar o presente à luz da história, tornando possível exercer uma metodologia analítica que busca escavar na superfície dos discursos e práticas as filiações e conexões, bem como o mapeamento dos dispositivos que transformam realidades histórico-territoriais. Os enunciados emergem, de acordo com Foucault, num campo de forças, são produzidos por um sujeito, se articulam com memórias e funcionam como nós numa rede. A abordagem arqueológica é responsável por uma ordem do olhar sobre o objeto em questão e propomos operacionalizá-la com a práxis jornalística, através das técnicas de apuração, diálogo, mediação e produção textual, contemplando a pluralidade e complexidade dos fenômenos sociais a serem narrados. Há ainda um terceiro pilar de importância crucial na definição do ponto de vista sobre o objeto: as contribuições do geógrafo brasileiro Milton Santos (1986) para o estudo das relações entre tecnologias, territórios e organizações, de forma a buscar o saber local.

O sábio local não é aquele que somente sabe sobre o local propriamente dito; tem de saber, mais e mais, sobre o mundo, mas tem que respirar o lugar em si para produzir o discurso do cotidiano, que é o discurso da política. (SANTOS, 1986, p.19)

Assim, o estudo dos arranjos produtivos locais nos coloca diante do desafio de registrar o estado da arte de um dado momento e ao fazê-lo ser capaz de colocá-lo em perspectiva com outras temporalidades. O contemporâneo é matéria de difícil apreensão. “O presente é fugaz e sua análise se realiza sempre a partir de dois polos: o futuro como projeto e o passado como realização já produzida” (SANTOS, 1986, p.11). Por isso, é preciso situar a pesquisa, ensina-nos o geógrafo brasileiro, num dado recorte, um evento: no nosso caso o surgimento do Polo Audiovisual da Zona da Mata, acontecimento a partir do qual se organizam tanto as redes de memória quanto o eixo de uma horizontalidade contemporânea. Há um esforço de conexão entre saberes locais e a formação de

uma rede heterogênea, comungando dos mesmos princípios em torno da experiência coletiva de emancipação.

O processo de construção do trabalho foi iniciado por uma pesquisa prévia a distância sobre a realidade local. Nesse sentido, há uma aproximação com as técnicas deontológicas do jornalismo, sobretudo na elaboração prévia de uma pauta. As mudanças nas formas de produção e circulação de conteúdo nas redes interconectadas, que se acentuam no século XXI, criam ecossistemas de desinformação que tem impactado o campo político e econômico. Nesse contexto, cabe também ao jornalismo se reconfigurar como espaço dialógico, plural, acentuando o rigor com a apuração de dados. Carlos Sandano (2015) observa que o valor epistemológico do jornalismo tende a deixar de ser “a descrição do real e passa a ser a efetivação do espaço de dialogia” (SANDANO, 2015, p.143).

As informações do portal do Polo Audiovisual da Zona da Mata descrevem algumas das ações desenvolvidas que deverão ser objeto de detalhamento: Estúdio Escola Fábrica do Futuro de residências artísticas, Rede Cineclubes de educação audiovisual, com pontos de exibição em escolas e centros culturais de 12 cidades da região, dentre outras descritas no site. De forma complementar é necessário buscar a relação da experiência da cidade mineira com as políticas públicas estaduais, nacionais ou mesmo iniciativas de internacionalização. Em artigo, publicado pela Universidade Estadual de Minas Gerais, César Piva, gestor cultural que tem um papel decisivo nas várias frentes do Polo Audiovisual, faz referência ao MIDIAPARQUE, uma rede de cooperação, implementada em 2015, que busca dinamizar a experiência dos arranjos produtivos locais em Cataguases e em Belo Horizonte, através da parceria com o BH- TEC, parque tecnológico da capital. O desafio é fortalecer a indústria do audiovisual mineiro com uma rede de empreendedores criativos de forma a fomentar, entre outros aspectos, experiências de internacionalização. A implantação do projeto deve, de acordo com Piva, “amplificar ainda mais a interação e sinergia entre arranjos criativos e produtivos em diversas regiões de Minas Gerais.” (PIVA, 2017, p.176).

As informações disponíveis dão conta também de canais estreitos de diálogo entre o setor criativo do audiovisual e agentes empresariais do comércio e indústria na cidade. Uma das principais instituições mantenedores do Polo é a Fundação Cultural Ormeo Junqueira Botelho, pertencente à empresa Energisa que, entre outras coisas, ajudou a patrocinar o edital de investimento regional em parceria com a ANCINE, Agência Nacional do Cinema, e Prefeitura de Cataguases. A criação, em 2014, da Agência de Desenvolvimento do Polo Audiovisual da Zona da Mata, APOLO, gerou, entre outros aspectos, a iniciativa de encomendar um diagnóstico econômico e político local junto à Fundação Dom Cabral que traz indicativos importantes sobre as expectativas da população local em relação aos serviços e setores estratégicos para a qualidade de vida.



A parceria com o Sebrae também torna possível dimensionar os números do impacto econômico do setor no município, estimados em R\$ 62 milhões no período 2016-2020. O investimento foi de R\$ 30 milhões para fomento e produção de 15 longa metragens, formação e qualificação profissional de 400 pessoas que resultaram na criação de 600 postos de trabalho, 22 pequenas e médias empresas e dezenas de micro empreendedores individuais. Por conta desses resultados, o Polo Audiovisual foi reconhecido, em 2012, como APL, Arranjo Produtivo Local Intensivo em Cultura, pelo Ministério da Indústria e Comércio em parceria com o SEBRAE e o Ministério da Cultura.

César Piva (2017) é crítico sobre o eixo de desenvolvimento do estado de Minas Gerais, ainda fundamentado em dinâmicas do século passado, como a mineração. Quando se pensa no passado artístico e criativo da região mineradora de Minas, berço do barroco, considerada por Celso Furtado como “a última síntese no espírito cultural da Europa pré-renascimento” (FURTADO, 2012, p.38), percebe-se uma ruptura potencializada nas tragédias ambientais contemporâneas. A mensagem artística do barroco era a expressão da sociedade como um todo: dos senhores aos escravos. O que se sucedeu, entretanto, não foi uma continuidade criativa, tal como se deu na Europa na passagem da idade média para o renascimento - mas o distanciamento crescente entre elite e povo, resultante da “modernização dependente.” As elites voltaram-se para os centros da cultura europeia e o povo se torna uma referência do atraso. “Ignorado das elites, esse povo segue seu curso próprio, reforçando sua autonomia criativa e diferenciando-se regionalmente” (FURTADO, 2012, p.39).

A questão que se coloca é se, diante das novas possibilidades tecnológicas e comunicacionais, reunimos, no contemporâneo, a possibilidade de se contrapor a esse modelo com a busca de uma relação horizontal em rede? Esse é o contexto que devemos buscar na Cataguases do século XXI e ele não é dissociado de domínios de memória. Peter Pál Pelbart (2000) percebe uma relação de conflito entre a forma-estado e a forma-cidade. Se a última é inseparável de sua relação com a rede de cidades, o estado, ao contrário, busca a totalização, o fechamento. A tendência é a dominação do estado, mas não sem resistências. “A cidade é rede, multiplicação, fluidez, escape, dispersão. Ela é relação com o fora, ou mais radicalmente ela é a própria forma da exterioridade” (PELBART, 2000, p.45).

No mundo contemporâneo, a forma-estado está associada ao capitalismo mundial que busca constituir uma mesma e gigantesca cidade. O século XX, com o predomínio das chamadas mídias de massa e um modelo de organização industrial fordista, favoreceu a criação de reprodução de modelos homogêneos configurando o que alguns autores denominam de cidade genérica (KOOLHAAS, 1988). Trata-se de um tipo de cidade em que predominam as decisões do mercado, as especulações

financeiras, políticas e publicitárias. Apesar da aparente homogeneização, essas cidades espelham a lógica de uma globalização excludente com vazios industriais, terrenos baldios, favelas.

No século XXI as mudanças nas formas de produção e circulação de bens e serviços, através da flexibilização dos processos de trabalho dos padrões de consumo, sobretudo a partir das inovações tecnológicas, fazem das cidades também núcleos globais funcionando em sistemas de rede. A lógica do consumo e da produção se inverteu: produzir um pouco de um produto diferenciado, em vez de muito de um produto homogêneo (MUNOZ, 2008). A cultura e a criatividade adquirem um valor cognitivo e um valor de transformação, reforçando, assim, o aspecto econômico.

As marcas da criatividade atravessam a história de Cataguases e seu entendimento se dá através do mapeamento dos dispositivos que tornaram possíveis experiências como o cinema de Humberto Mauro e a criação da Revista Verde, entre outros aspectos. Esses marcadores históricos, de alguma forma ressignificados na experiência do Polo do Audiovisual, estabeleceram novas formas de conexão com a própria histórica - que deixa de ser apenas a dimensão nostálgica de antigos tempos melhores - e se abre a possibilidades mais inclusivas, ainda a serem construídas.

Conhecer essas referências faz parte do trabalho de organização da pauta, não na forma de uma idealização romântica, que poderia se mostrar cega às contradições que, certamente, também encontraremos no trabalho de pesquisa, mas na forma de considerar uma possível elitização da experiência modernista na cidade e sua revisão em políticas inclusivas e participativas do Polo. É possível, portanto, falar numa dimensão temporal das redes, conectando passado e futuro nas dinâmicas do presente, assim como a possibilidade de uma horizontalidade participativa contemporânea que permite criar um ambiente de aprendizado e cooperação.

### **3. UMA REPORTAGEM DE CAMPO COMO EXERCÍCIO DE JORNALISMO ARQUEOLÓGICO**

A partir do trabalho prévio de organização da pauta, fizemos uma imersão no município entre os dias 10 e 14 de abril de 2019, quando foram realizadas 35 entrevistas presenciais e outras 5 à distância<sup>1</sup>. Foram ouvidos representantes de diversos segmentos relacionados à cadeia produtiva do cinema: do prefeito aos jovens figurantes e técnicos que trabalham na produção dos filmes, além de equipes de fora da cidade que a escolheram para suas locações, comerciantes, lideranças das fundações do terceiro setor, diretores e atores, empreendedores que prestam serviço nas várias frentes da cadeia produtiva do cinema, dentre outros. As entrevistas não foram gravadas. Num bloco de notas

---

<sup>1</sup> O trabalho foi desenvolvido originalmente como uma consultoria para a Rede de Cidades Criativas da Unesco, contemplando a candidatura de Cataguases em 2019.

registrava os principais pontos e frases significativas dos entrevistados. Todos concordaram em manifestar suas opiniões e nenhum deles solicitou anonimato. Não utilizamos no texto desse artigo diretamente todas as entrevistas, o que não reduz sua importância como contextualização das informações disponibilizadas.

No trabalho de apuração dos dados realizado emergem algumas singularidades que justificam a criação do Polo Audiovisual e sua produção crescente no século XXI. A existência de uma relação estreita entre uma elite industrial na cidade e a produção de cultura, criando mecanismos de desenvolvimento de projetos amparados em recursos de isenção fiscal a partir das fundações do terceiro setor, um ambiente de vanguarda artística que mostrou sua face não só no chamado ciclo cinematográfico de Cataguases como na geração de poetas e escritores modernistas em torno da Revista Verde, também nos anos 1920. E, um pouco adiante, as interferências arquitetônicas a partir de obras de Oscar Niemayer e Burle Marx que fizeram da cidade “o berço do modernismo” brasileiro, conforme frase do então Secretário de Estado da Cultura, Ângelo Oswaldo, cravada na sala de entrada do Centro Cultural Humberto Mauro, um espaço multimídia que ocupa um prédio na praça central da cidade. Essa rede histórica se fortalece a partir dos anos 1990, com a criação da Fundação Cultural Ormeu Junqueira Botelho e do Instituto Francisca de Souza Peixoto, ambos ligados a famílias industriais da cidade.

Estão postas as condições para a emergência de um agrupamento de instituições e sujeitos de natureza suprapartidária, envolvendo o terceiro setor, a iniciativa privada, as agências de desenvolvimento, e outras instituições em torno de uma causa que foi capaz, no início do século XXI, de agenciar diferentes setores e expandir a experiência para além dos limites regionais ou nacionais. Uma articulação a partir do “saber local” e fundamentada num domínio de memória. A construção do polo de Cinema foi tecida de maneira progressiva em duas décadas, como um arranjo produtivo local singular forjado de forma horizontal e participativa. Foi através dessa articulação que a voz de Cataguases se fez ouvir nas políticas públicas do audiovisual brasileiro, colaborando na construção de editais de regionalização da produção, realizando festivais de cinema internacionais e tornando efetiva e crescente a produção de filmes na cidade. A experiência de Cataguases se constitui em exemplo de modelos de negócio, envolvimento comunitário, educação midiática e demonstra a percepção de uma extensa cadeia produtiva a partir do cinema impactando vários setores da economia local, sendo capaz de sugerir também novos rumos criativos para o cinema brasileiro. Isso tudo tendo por cenário uma cidade do interior de Minas, distante dos grandes centros culturais e econômicos e, por isso mesmo, buscando formatos mais ousados e criativos de fazer cinema.



Durante o período de pesquisa de campo estavam sendo realizados, em diferentes processos de produção, três longas-metragens na cidade. O filme “Natureza Morta”, com gravações previstas para junho de 2019, estava na fase de pesquisa cenográfica. Uma outra equipe de 60 pessoas, 20 das quais mão de obra local, trabalhava nas filmagens do longa “Derrapada. E a cineasta Francesa Oriane Laurie Descout finalizava, com ajuda de animadores mineiros, o documentário “Castelo de Terra” sobre sua experiência afetiva como moradora de uma Eco Vila no município de Rio Pomba, vizinho a Cataguases. O filme é uma coprodução com a França, foi financiado por um edital do país europeu e será veiculado numa TV Comunitária Francesa.

**Imagem 1** - Equipe local atuando na produção audiovisual: acervo do Polo Audiovisual de Cataguases



Fonte: Acervo do Polo Audiovisual da Zona da Mata.

As produções se dividem em três instalações da infraestrutura fornecida pelo Polo para os realizadores. A finalização de “Castelo de Terra” ocupa um espaço amplo no bairro da Guanabara, periferia da cidade. Lá está a sede física do projeto Midiaparque, um centro de produção e pós-produção em rede conectando a cidade à capital. Vencedor do Projeto Usinas Digitais, aberto pelo Ministério das Comunicações, em 2015, o Midiaparque é uma ação articulada entre dois arranjos produtivos: o de Cataguases e um outro de Belo Horizonte, a partir do Fórum Mineiro do audiovisual

e BH- TEC, - Parque Tecnológico de Belo Horizonte, parceria entre a Universidade Federal de Minas Gerais, Prefeitura de Belo Horizonte, Governo do Estado de Minas, Sebrae e FIEMG - Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais. O Midiaparque está sendo preparado para possibilitar os processos de montagem e finalização dos filmes, bem como a construção de efeitos especiais e animações. Um estúdio está em construção. Dois animadores -um vindo de Belo Horizonte e outro de Cataguases, formado nas oficinas do Polo- criavam animações para o filme de Oriane.

Quando vem montar seu filme em Cataguases, Oriane Descout, se hospeda num albergue destinado a residências artísticas numa casa ampla de estilo modernista onde funciona a Fábrica do Futuro, espaço de formação dos jovens através de uma série de oficinas, seminários e consultorias técnicas. A Fábrica do Futuro foi fundada em 2005 e pode ser definida como uma Incubadora do audiovisual de das novas tecnologias. Desde então, tem sido responsável pela formação de uma geração de realizadores em várias pontas da prática cinematográfica e que hoje atuam no suporte aos filmes realizados na cidade e na própria produção de seus conteúdos. As equipes de apoio à “Derrapada” e “Natureza Morta” trabalham em um terceiro espaço cedido pela Energisa, empresa de distribuição de energia elétrica que mantém a Fundação Cultural Ormeu Junqueira Botelho, essencial no projeto de desenvolvimento do audiovisual na cidade.

Para além da estrutura física, a presença das equipes de filmagem se incorpora na vida cotidiana e motiva iniciativas empreendedoras, como no ramo da segurança e reformas cenográficas. Como o modelo de cinema de Cataguases se baseia na ideia de que a cidade é um estúdio a céu aberto, há uma demanda para adaptar as locações para as necessidades específicas de cada filme. A rede de colaboradores cenográficas incluem marceneiro, pintores, eletricitas, faxineiros, vigias.

O cineasta e documentarista Marcos Pimentel teve sua vida transformada pelo Polo. Natural da vizinha Juiz de Fora, se mudou para os grandes centros para viver do cinema. Voltou à região como jurado do CINEPORT, Festival de Cinema dos países de língua de portuguesa, cuja primeira edição foi realizada em Cataguases, em 2005. Marcos participou também dos movimentos iniciais da Fábrica do Futuro e hoje atua como Diretor de Formação do Polo Audiovisual da Zona da Mata, além de fazer a curadoria do CINEPORT e cuidar dos editais lançados pelo Polo. Cabe a Marcos, dentre outras coisas, a importante função de estabelecer uma ponte com os produtores executivos dos filmes que serão realizados na cidade para dimensionar, e treinar, a mão de obra local para que trabalhem nas produções. Ele avalia, por exemplo, se a demanda será por computação gráfica, animação, ambientes que contam histórias de outras épocas e assim organizar e formar a mão de obra local para colaborar com a demanda específica de cada filme. Nessa função, ele percebe o impacto

econômico da atividade na cidade. “É muito além da autoestima de ver a cidade filmada, faz diferença ver o filho o empregado nas produções”, diz ele.

Samantha de Oliveira é produtora de figuração dos filmes rodados em Cataguases. É responsável por todo o processo envolvendo os figurantes: da seleção ao pagamento. Ela conta que trabalhou no comércio de Cataguases e foi estudar moda em Juiz de Fora. De volta à Cataguases, sua entrada no mundo de cinema foi na ajuda ao figurino do documentário “Olhos de Vô”, feito pelo realizador local Marco Aurélio Andrade. De lá para cá abandonou as antigas atividades e passou a viver das produções de cinema, se aperfeiçoando na contratação dos figurantes. Quando recebe o roteiro, Samantha recorre ao seu banco de dados para ver o perfil dos figurantes. “Distribuo verba para gente muito carente”, conta.

As equipes de produção que vem de fora parecem satisfeitas com a opção de filmar longe dos grandes centros. A equipe de “Derrapada” reúne uma produtora do Rio de Janeiro, 3 Tabelas Filmes, e outra de Belo Horizonte, Camisa Listrada - BH. Júlia Nogueira, mineira da capital, já conhecia o Polo ao trabalhar, durante seis meses em 2012, na produção do filme “Menino no Espelho.” Voltou em 2017 para participar da produção de Maria do Caritó e, em 2018, de “Arigó”. “Podemos contar com produção de base, figuração e outras facilidades que não encontramos em outros lugares do Brasil”, observa Júlia.

A carioca Fernanda Reznik vive sua primeira experiência em Cataguases com a produção de “Derrapada”. Ela considera tudo mais fácil do que o Rio de Janeiro: “alvará, negociações, a gente conversa diretamente com o Secretário de Cultura, isso num grande centro não é tão fácil”, analisa. Quando se começou a discutir a possibilidade de trazer a produção do filme para Cataguases, Fernanda resistiu, no início, principalmente porque a história é ambientada em Madureira, subúrbio carioca, mas depois de algumas visitas técnicas na cidade se convenceu que foi a melhor opção. “Conseguimos fazer quase 90% do filme aqui e recriamos Madureira em Cataguases.” Para Isabella Faya, roteirista de “A Derrapada”, “Cataguases é uma cidade que abraça o cinema.” O roteiro do longa é uma adaptação de um romance escrito pelo escritor britânico Nick Horny. Uma história que se passa em Londres, adaptada para o subúrbio de Madureira e filmada em Cataguases é um desafio criativo que rendeu adaptações no roteiro original. As paisagens naturais, a arquitetura e a cultura local inspiraram a escritora, além dos aspectos logísticos.

A injeção de recursos econômicos pela produção cinematográfica se deve a um arranjo que foi capaz de atrair às produções para a cidade. A origem dos recursos é a mesma das que predominam no Brasil. Quase a totalidade das produções do Polo Audiovisual da Zona da Mata foram financiadas por recursos das leis de incentivo federais (Roanet e lei do audiovisual) e pelo Programa Brasil de

Todas as Telas, gerido pela Ancine. A partir de 2017, a ampliação dos tetos na Lei de Incentivo à Cultura de Minas contribuiu para o aumento na produção de filmes, que passou de uma média de dois por ano para seis. A diferença está num importante financiador local: a empresa Energisa.

Mônica Botelho é Presidente da Fundação Cultural Ormeo Junqueira Botelho, mantida pela Energisa e Diretora de Relações Culturais da empresa, antiga companhia de Força e Luz Cataguases, Leopoldina que se tornou uma das maiores de distribuição de energia elétrica do país com expansão crescente nos últimos anos. A Fundação<sup>2</sup> é uma das principais articuladoras do Polo Audiovisual da Zona da Mata, além de gerir vários equipamentos culturais na cidade- tais como o Centro Cultural Humberto Mauro, o Museu Energisa, o Anfiteatro Ivan Muller Botelho, o Memorial Humberto Mauro, além de prédios e projetos nas cidades vizinhas e em outras regiões do país.

A Energisa fornece recursos para filmes aprovados nas leis de incentivo. Há uma contrapartida para os investimentos feitos pela empresa: as filmagens, ou parte delas, devem ser feitas em Cataguases. “Damos 500 mil para uma produção e eles deixam na cidade R\$ 1 milhão”, exemplifica Mônica, durante entrevista concedida via Skype do Rio de Janeiro, onde vive. César Piva acrescenta um critério importante. ‘Procurarmos equilibrar produções maiores, que trazem mais recursos para a cidade, com outras de menor porte, mas que tem a vantagem de utilizar mais a mão de obra local, de atores à técnicos.’ Essa solução permite, ao mesmo tempo, um estímulo a formação de talentos, num processo educacional não formal, na prática dos sets de filmagem- um dos grandes diferenciais do projeto de Cataguases- e o fortalecimento econômico de atividades relacionadas aos serviços na cidade. Equipes maiores e com orçamento mais generoso precisam de mais hotéis, restaurantes, transporte e serviços variados que a cidade cada vez mais aprende a oferecer.

A criação do Polo, em 2010, se deu a partir de um amplo debate social e de projetos anteriores que criaram as condições de sua emergência. Djalma Rodrigues Dutra Junior é hoje o coordenador Administrativo Financeiro e de infraestrutura do Polo Audiovisual da Zona da Mata, do Instituto Cidades de Cataguases e da Fábrica do Futuro. O seu trabalho consiste, entre outros aspectos, em orientar os gestores culturais na captação de recursos e na prestação de contas. De origem rural e membro de uma família de comerciantes de Cataguases, era ainda um adolescente quando, no final dos anos 1990, percebeu que a proposta da construção de um projeto de longo prazo era um bom caminho, sobretudo porque essa construção foi feita de forma horizontal e a partir de uma pesquisa sobre o que deu certo e o que não deu em outras partes do país e até no exterior. Hoje vê sua vida transformada e se integra à uma lógica produtiva diferente dos seus familiares. “Aqui podemos

---

<sup>2</sup> <http://www.fundacaoormeo.org.br/espacos/>

experimentar todas as partes do processo, embora esteja focado na parte administrativa financeira, já rodei 600 quilômetros em estradas rurais em três ou quatro dias para encontrar as melhores locações para um filme e explicar para os moradores do que se tratava.”

#### 4. MECENATO E EQUIPAMENTOS

A história de Cataguases está ligada à produção cafeeira, a chegada da ferrovia, sucedida pela industrialização nos primeiros anos do século XX. Aos fatores econômicos estruturais se soma a presença marcante do modernismo nas artes que se reflete na poesia, no cinema e se instala como capital simbólico. Há uma cidade industrial com seu regime fordista de trabalho em convivência com uma cidade lúdica, de ritmo diferente, dos ciclos boêmios à produção cultural do teatro à música e cinema. Nesse sentido, a cidade deve também muito aos seus artistas, escritores, poetas, cineastas, roteiristas. Desde Humberto Mauro, o capital foi sensível a esse diálogo e os realizadores souberam aproveitar as oportunidades ofertadas. A pesquisadora Andrea Toledo (2019) concluiu um doutorado sobre o Polo Audiovisual da Zona da Mata, pensado de um ponto de vista educativo e enfatiza, em seu trabalho, os diálogos Inter geracionais e Inter-relacionais em torno do cinema.

É preciso retroceder até o final dos anos 1980, com a mutação de uma economia baseada no setor manufatureiro para modelos de negócio fundamentados em conhecimento e inovação. Nesse contexto, a nova política econômica das cidades deveria privilegiar a atração de talentos ao invés de empresas de base industrial. Essa nova classe criativa no campo das ciências, da tecnologia, no design e nas artes seria capaz de gerar negócios. Os investimentos deveriam, portanto, se dar na melhoria da qualidade dos lugares, quanto melhores mais capazes de atrair esse tipo de público.

A Diretora Cultural da Energisa, Mônica Botelho, retorna para sua cidade natal justamente nesse período, encerrando um ciclo de trabalho em Nova York, onde atuava no ramo da moda- utilizando as criações de bordadeiras de Cataguases. Estava no epicentro da mudança de paradigma, de uma sociedade industrial para o do conhecimento e criatividade. Encontrou, como diz “uma cidade queijosa do brilho e da potência de outros tempos”. Esse é o contexto de criação da Fundação Cultural Ormeo Junqueira Botelho que retomava, como veremos, o fio discursivo e simbólico do cinema a partir da figura de Humberto Mauro, culminando com a criação do Polo Audiovisual da Zona da Mata.

“Nós começamos a discutir o que fazer a partir de um capital simbólico importante. E decidimos atuar em várias frentes, a primeira é dotar a cidade de espaços culturais dignos, de bons equipamentos culturais”, lembra Mônica. A primeira etapa foi arrumar a casa. A Chácara Dona Catarina, típico exemplar dos chalés românticos do final do século XIX, foi restaurada nos anos 2.000



e passou a abrigar exposições de artistas plásticos renomados como Amílcar de Castro, Antônio Poteiro, além de receber também trabalhos de artistas locais. A Fundação Cultural Ormeo Junqueira Botelho inaugurou, ainda, duas obras de arte em espaços públicos a céu aberto: a escultura de Amílcar de Castro chamada Monumento a Humberto Mauro e a escultura Violeta, de Sônia Ebling.

Dois anos depois acontecia o que é considerado o marco do reencontro com a antiga vocação de produção cinematográfica na região. Em 2002, foi inaugurado o Centro Cultural Humberto Mauro, no prédio que abrigou o Cine Machado. O escritor, poeta e jornalista, Ronaldo Werneck foi um dos responsáveis pela organização do acervo do Centro Cultural. Enquanto mostrava as preciosidades do acervo falava de sua amizade com Humberto Mauro, do fato de que ele e os modernistas da revista Verde serem contemporâneos, mas não comungarem de trocas estéticas. “Na época, os poetas modernistas estavam ligados na literatura, o cinema, talvez, fosse algo distante para eles”, conclui.

Na passagem do século, em 1999, é criado também o Instituto Francisca de Souza Peixoto, mantido por uma tradicional indústria têxtil da cidade. Com programas nas áreas de cultura, esporte, educação, saúde e meio-ambiente chegou a atender 37 mil pessoas em oficinas de artesanato, teatro, editora, grupo de teatro de bonecos, escola de dança, futebol e natação. Marcelo Peixoto, o criador do Instituto Chica, como é chamado pelos moradores locais- conta que combinou com seus familiares de destinar os recursos dos resíduos de algodão da fábrica para investimento nas ações culturais. O orçamento anual do Instituto era de cerca de R\$ 1 milhão e 500 mil reais, sem nenhum tipo de isenção fiscal, e o espaço físico estava situado um amplo galpão de 11 mil metros quadrados, construído em 1911, onde funcionava a antiga fábrica da família no entorno da antiga estação ferroviária.

Marcelo encontrou na herança simbólica familiar o lastro para a fundação do Instituto. O seu tio avô, Francisco Peixoto, foi o homem que, nos anos 1940, criou as condições para as construções modernistas na cidade. Advogado bem relacionado no Rio de Janeiro, Francisco Peixoto convidou o arquiteto Oscar Niemayer e o paisagista Roberto Burle Marx para fazer, respectivamente, o projeto arquitetônico e paisagístico da casa da família em 1941. A próxima encomenda, nos anos seguintes, foi a criação de um novo projeto para o Colégio Cataguases. Situado no sopé de um morro, o colégio Cataguases tem estrutura ampla, cercado por alamedas verdes projetadas por Burle Marx, além de escultura de Jan Zach e uma réplica do painel Tiradentes, de Cândido Portinari, o original foi levado para o Memorial da América Latina, em São Paulo. O Colégio Cataguases foi um importante internato nos anos 1950, atraindo jovens filhos da elite intelectual e artística brasileira. Chico Buarque e Dori Caymmi, por exemplo, passaram breves períodos internos lá quando eram adolescentes. Hoje o Colégio sedia turmas de ensino médio da rede estadual e um dos andares é destinado ao polo local do

Instituto Federal de Educação. Abriga também um Cineclube, parte de um projeto de uma rede estimulada pelo Polo Audiovisual da Zona da Mata.

As marcas modernistas ganharam outros espaços na cidade entre os anos 1940 e 1950. A igreja de Santa Rita de Cássia, projetada por Edgar Guimarães do Vale com formato que lembra uma aeronave pousando sobre a praça de mesmo nome e painel de Djanira na fachada. Francisco Bolonha assina algumas obras em espaços públicos, como Monumento a José Inácio Peixoto, na mesma praça onde está um painel de Portinari – “As Fiandeiras” - e a escultura “A Família”, de Bruno Giorgi. O conjunto histórico, arquitetônico e paisagístico da cidade, com obras catalogadas como simbólicas do modernismo brasileiro, foi tombado pelo IPHAN em 2003.

O papel do Instituto Chica na formação de jovens artistas, roteiristas, atores e atrizes na cidade foi diversas vezes reforçado nas entrevistas. O historiador Luiz Fernando Leitão enfatiza o espaço de formação do Instituto, sobretudo entre os jovens, como fator determinante de uma nova consciência cultural na cidade. O urbanista Paulo Alonso considera que havia uma disputa muito clara, e benéfica, entre as famílias Peixoto e Botelho para ver quem fazia mais. A programação da Fundação e do Instituto permitia aos jovens se aperfeiçoarem em teatro, artes circenses, danças, teatro de Bonecos.

Renata Barbosa é roteirista da Turma da Mônica, trabalho que realiza de Cataguases com idas periódicas à São Paulo, professora e produtora cultural. Ela considera as oficinas do Instituto Chica determinantes na sua formação e caminho profissional. “Hoje eu sinto que tenho uma responsabilidade social com Cataguases, a cidade me deu muita coisa”. Como retribuição, desenvolve hoje projetos gratuitos de formação de realizadores no cinema, além de outros envolvendo o audiovisual e a literatura. Formada em jornalismo, aprendeu, segundo ela, mais na prática do fazer cinematográfico. “Minha escola é um set” conclui. Ana Carolina Viana Gonçalves é assistente social, produtora cultural e presta serviços para as equipes que vem filmar em Cataguases. Aos 30 anos, ela considera que o Instituto Chica foi fundamental em sua formação não apenas profissional, mas na própria visão de mundo. “A possibilidade de ter visto tanta gente tendo uma formação gratuita naquele amplo espaço onde tinha sido chão de fábrica é uma memória afetiva que carrego”.

O contexto era de efervescência cultural, motivada pelo trabalho do terceiro setor, quando o atual Diretor do Polo, César Piva, chega à cidade para fazer um diagnóstico cultural a pedido da gestão municipal, no início dos anos 2000. César havia trabalhado em projetos como o centenário de Drummond, em Itabira e na campanha que resultou no tombamento de Diamantina como Patrimônio Cultural da Humanidade, além de atividades ligadas ao terceiro setor na UNESCO. Ele conta que

dois fatores o motivaram de cara: a vontade das pessoas e o desejo de construir um projeto de longo prazo que apostasse na continuidade.

A pergunta que circulava, observa Andrea Toledo, era como se faz uma indústria nova? Marco Antônio de Mendonça, Analista Técnico do Sebrae na microrregião da zona da mata e vertentes, conta que naquele período começava a haver a percepção da cultura como negócio. Foram realizadas então uma série de reuniões e encontros com atores, empresas âncoras, as Fundações e Institutos para discutir e encontrar caminhos de geração de emprego e renda em torno do eixo criativo-cultural. O projeto estruturante contou ainda com visitas técnica no Brasil e Europa para conhecer exemplos que deram certo e outros que não deram. A missão, financiada pelo Sebrae, era formada por uma equipe de dez pessoas e esteve no Porto Digital do Recife, Florianópolis e em Portugal, Inglaterra e Espanha, onde puderam conhecer arranjos produtivos locais. O exemplo do Polo de Cinema de Paulínia, no interior de São Paulo, foi marcante, sobretudo, porque permitiu perceber que não se deve priorizar a construção da infraestrutura sem o aspecto do envolvimento humano e da formação das pessoas. “Nunca acho um bom caminho começar pelo prédio”, opina César Piva. Por outro lado, exemplos como o Porto Digital do Recife eram animadores e mostravam como a união do setor privado e público poderia alavancar um ambiente de inovação e produção de conhecimento.

A ideia de fazer um arranjo produtivo local em torno da economia criativa já era um consenso. Era, entretanto, hora de fazer escolhas. César Piva, em depoimento dado à Andrea Toledo (2020) para sua pesquisa, contextualiza esse momento.

O grupo está organizado? Quer fazer alguma coisa? Quer achar alguma causa? (. . .)  
E foi aí que surgiu a missão desse grupo. Nós vamos fazer uma escolha, o carro chefe dessa nova indústria que nós vamos implantar, dessa nova economia que nós vamos diversificar na região vai ser o audiovisual. Vamos aproveitar a marca do Humberto Mauro que está fincada aqui e vamos alavancar essa nova indústria. (TOLEDO, 2020)

O marco inicial do Polo Audiovisual da Zona da Mata é considerado a inauguração do Centro Cultural Humberto Mauro. As festividades de inauguração do centro tiveram a apresentação oficial do “Programa Humberto Mauro de Cultura e Cidadania”, vídeo criado por cineastas e produtores de Minas Gerais com as diretrizes de um Plano de 20 anos (2002-2020) de cultura e desenvolvimento. Assinam o plano, as principais Instituições Locais como a Fundação Cultural Ormeo Junqueira Botelho, o Instituto Francisco de Souza Peixoto, a Fundação Cataguases, atual Fundação Simão José Silva, ligada a empresa de mineração Bauminas, a Prefeitura Municipal e a Agência de Desenvolvimento de Cataguases, ligada ao Sebrae. Nesse dia foi também divulgada a Carta de

Cataguases, plano diretor para o setor audiovisual de Minas Gerais discutido num fórum realizado dias antes da cidade.

A criação de uma outra entidade do terceiro setor, o Instituto Cidade de Cataguases, em 2003, une, em uma outra frente, as duas fundações que rivalizavam na busca de fazer mais ações culturais. A ideia era dar sustentação para o projeto cultural de longo prazo anunciado na inauguração do Centro Cultural Humberto Mauro. A primeira gestão foi presidida por Marcelo Peixoto, do Instituto Chica e na vice-presidência Mônica Botelho da Fundação Cultural Ormeo Junqueira Botelho. Com a chegada de César Piva, ele passa a coordenar o Instituto Cidade de Cataguases que se torna mantenedor da Fábrica do Futuro - Incubadora do Audiovisual e das Novas Tecnologias. A Fábrica complementava as ações dos outros institutos investindo em qualificação: oficinas de lideranças, direitos sociais e cidadania, gestão cultural, desenvolvimento local, história e patrimônio cultural, democracia e meios de comunicação, técnicas de criação e produção audiovisual, desenvolvimento de roteiros, produção de trilhas sonoras, técnicas de registro audiovisual e memória oral, produção de TV local, cobertura de eventos. Através de convênios com órgãos públicos mineiros e do governo federal, a Fábrica do Futuro se tornou um arranjo criativo local focado em diferentes produtos audiovisuais –tais como vídeo clipes, documentários, vídeos institucionais, cobertura de eventos.

O ano de 2005 marca a consolidação de dois empreendimentos estruturantes do Polo. O primeiro foi a criação da Fábrica do Futuro e o segundo a iniciativa da Fundação Cultural Ormeo Junqueira Botelho em realizar, em Cataguases, a primeira edição do Cineport - Festival de Cinema de Países de Língua Portuguesa com cineastas, produtores, atores de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe, Timor Leste. Lideranças políticas e empresariais também estiveram na cidade como o ex-presidente português Mário Soares e José Aparecido de Oliveira. A partir do lançamento, em Cataguases, onde a lembrança de Humberto Mauro foi fato marcante, o Cineport teve outras quatro edições em Lagos, Portugal e João Pessoa, na Paraíba, onde a Energisa também atua no ramo de distribuição de energia elétrica.

A pesquisadora Andrea Toledo (2020) lembra que o período da consolidação do Polo coincide com a retomada do cinema brasileiro, de maneira um pouco tímida nos anos 1990- com a promulgação da Lei do Audiovisual pelo Governo Itamar Franco e a criação de mecanismos de captação de recursos via renúncia fiscal. Os investimentos na produção cinematográfica se concentravam, entretanto, no eixo Rio-São Paulo. A partir de 2003, com a criação da Secretaria para o Desenvolvimento do audiovisual, foi estimulado o fomento aos cineclubes e cineforuns ligados à educação. A criação da Ancine, Agência Nacional de Cinema, em 2001, foi outro passo importante

das novas diretrizes. A autonomia financeira da Ancine passa a ser construída, principalmente, com a taxaçoão do remesso do dinheiro ao exterior pelas operadoras de TV pagas. Há um aumento expressivo na produção de filmes no Brasil: dados do Grupo de Pesquisa em Cinema Brasileiro apontam para a produção de 368 filmes entre 2000 e 2006 (GUSMÃO, 2008).

**Imagem 2** - Exibição do filme *Menino no Espelho* (Guilherme Fiuza) em Praça Pública de Cataguases. Acervo do Polo Audiovisual da Zona da Mata



Fonte: Acervo do Polo Audiovisual da Zona da Mata

A partir de 2008, a Fundação Ormeo Junqueira Botelho em parceria com a Fábrica do Futuro e com patrocínio da Energisa, via lei de incentivo à cultura de Minas Gerais, cria o Festival Ver e Fazer Filmes, cujo formato inovador permite ao mesmo tempo o estímulo à produção e a formação de novos realizadores. O Festival reúne gestores, professores, estudantes e participantes dos vários projetos sociais e culturais da região e do país. Na etapa “ver” são realizadas mostras juvenis e infantis para estudantes de 12 cidades da região. As exibições são seguidas de debate sobre os filmes com a presença de realizadores. Na parte “fazer”, estudantes de cinema e audiovisual de Universidades Brasileiras, e do exterior, tem à disposição recursos técnicos e humanos para realizar curtas metragens nos dias do Festival. Em 2018, foi realizada a sexta edição do Ver e Fazer Filmes, a maioria em Cataguases, mas já houve também edições internacionais, como a de 2012 em Guimarães, Portugal.



Em 2010, cinco coletivos vindos de países africanos – Angola, Cabo Verde, Moçambique- e de Portugal, junto com estudantes da Universidade Federal da Bahia e da Pontifícia Universidade Católica de Belo Horizontes foram desafiados a adaptar a obra literária do escritor Cataguasense, Luiz Rufatto, para o cinema.

A Agência de Desenvolvimento do Polo (APOLO), criada em 2014, fez a governança de uma proposta de financiamento inédita no Brasil, aprovada pela Ancine no final de 2019. A proposta, submetida pela cidade no edital de Co investimentos regionais, envolveu a prefeitura como ente federado e proponente e a Energisa, como empresa garantidora dos recursos da contrapartida local, e o Governo Estadual pela Lei de Incentivo à Cultura. O resultado são investimentos de R\$ 10,8 milhões na produção de filmes em Cataguases. “Não existiu ainda no Brasil experiência nesse formato”, avalia Marcos Pimentel.

## 5. REDES DIACRÔNICAS: A MEMÓRIA DO FUTURO

O conceito de paisagem cultural (Correa, 2001) propõe entender as intervenções humanas sobre os territórios a partir de uma dimensão funcional e outra simbólica. Trata-se, portanto, de considerar a relação entre os modos de produção econômica e seus equivalentes culturais. O desenvolvimento de uma nova atividade é sempre associado à determinada cadeia valorativa. Há algo na experiência de Cataguases que cria conexões mais amplas com a própria história do cinema no Brasil. É preciso olhar para as condições de produção que tornaram possíveis esses movimentos e a forma como eles ao se inscreverem como acontecimentos na história não só do município como do país, criaram as condições de emergência do Polo Audiovisual da Zona da Mata.

A ideia de paisagem cultural é tributária do pensamento de Milton Santos (1979) que estabelecia uma importante relação entre as atividades que se instalam nos lugares e os valores que lhes são extensivos.

Quando uma atividade nova se cria em um lugar, ou quando uma atividade já existente aí se estabelece, o “valor” desse lugar muda; e assim o “valor” de todos os lugares também muda, pois o lugar atingido fica em condições de exercer uma função que outros não dispõem e ganha, através desse fato, uma exclusividade que é sinônimo de dominação; ou, modificando a sua própria maneira de exercer uma atividade preexistente, cria, no conjunto das localidades que também a exercem, um desequilíbrio quantitativo e qualitativo que leva a uma nova hierarquia ou, em todo caso, a uma nova significação para cada um e para todos os lugares (SANTOS 1979, p.45).

A existência de uma cena cultural criativa em torno do cinema, sobretudo a partir da figura de Humberto Mauro, é um gesto inaugural da cinematografia brasileira, como o atestam os críticos e

os próprios cineastas que, liderados por Glauber Rocha, criaram o movimento do Cinema Novo. Essa rede diacrônica que vai de Humberto Mauro ao cinema novo retorna à Cataguases nos primeiros anos do século XXI na criação do Polo Audiovisual da Zona da Mata. De Humberto Mauro, o Polo herdou sobretudo a ideia de que é possível fazer cinema numa cidade do interior, fora dos grandes eixos e que essa atividade pode ser fonte de geração de renda.

O arranjo produtivo em torno do cinema também procura adequar suas práticas a possibilidade de uma maior integração com todos os setores da sociedade local. Os constantes editais de estímulo à produção local são um exemplo. Um dele é o edital “Usinas Criativas”, destinado a realizadores residentes nas áreas de atuação do Polo Audiovisual de Zona da Mata. Marcos Pimentel conta que o edital, hoje em sua terceira edição, foi pensado como uma alternativa para formação dos talentos locais. “Percebemos que as pessoas da cidade não exercitam as funções mais importantes nos filmes grandes realizados em Cataguases, então pensamos em criar um edital onde os talentos locais pudessem ser cabeça de equipe e tivessem essa satisfação autoral”, conta.

Os projetos selecionados recebem R\$ 30 mil para a realização de um curta metragem, valor financiado pela Energisa via leis de incentivo. Mas a filmagem não começa de forma imediata. Os realizadores contam com consultorias especializadas nas várias frentes de produção cinematográfica: aperfeiçoamento de roteiros, direção de arte, montagem, som, dentre outras. “Os projetos são incubados ao longo de cinco meses”, explica Marcos. O Usina Criativa seleciona, por edição, 5 filmes: 4 de realizadores locais e um produzido por um diretor convidado, nesse caso o edital prevê que o escolhido trabalhe com equipes locais. O lançamento das produções é feito no Festival Ver e Fazer Filmes, com premiação de júri técnico e votação popular.

Marco Aurélio Andrade é ator, diretor e autor, nascido e vivendo em Cataguases. Ele foi um dos completados num dos editais do Usina Criativa e pode realizar um filme adaptado de uma história real ocorrida na zona rural do município. O filme “Santa” mostra a história de uma mulher transexual que, após ficar órfã, assume o lugar da mãe nos cultos religiosos e se torna uma líder da comunidade contra a mineradora que explora o local. A protagonista se apaixona pelo Supervisor da mineradora e procura discutir essa contradição de amar alguém que representa tudo que lhe é contrário. “A história foi inspirada numa trans da zona rural de Cataguases que queria coroar Nossa Senhora e sofreu preconceito”, conta o diretor.

O filme de Marcos mobilizou 50 pessoas da região, entre técnicos, atores, assistente e figurantes e foi escolhido como melhor filme do júri popular de 2018 no Festival Ver e Fazer Filmes. O prêmio de melhor atriz foi para Jéssica Muller que interpretou a personagem principal. Marcos conta que a sua inspiração para criar a história vem do universo que lhe interessa, a zona rural da

região, mas com questões que hoje estão presentes no planeta, os desastres ambientais, a poluição das nascentes, os preconceitos de gênero.

Leandro Silveira é um jovem assistente de arte de Cataguases que presta serviço para as produções dos filmes rodados na cidade. No ambiente da Fábrica do Futuro aprendeu animação no projeto de residência criativa “Fábrica Animada”. Hoje encontrou na arte o seu o seu caminho no cinema. O jovem se considera um privilegiado por ter oportunidade de aprender um ofício que não conhecia. “Cresci num bairro de classe baixa, não tinha nada, não sabia nada. A minha geração não tem referência, quando cresce quer ter um carro igual ao traficante do bairro.”

Anna Luiza Marques, nascida em Cataguases, tinha apenas 15 anos, em 2013, quando o filme “A Família Dionti” foi rodado na cidade. No processo de seleção de elenco, o diretor Allan Minas fez testes com quatro meninas que faziam curso de teatro. Anna foi escolhida como protagonista do longa, premiado em vários festivais brasileiros e internacionais.<sup>3</sup> O filme é uma coprodução entre o Canal Brasil e a Inglaterra, com suporte do Latin American Fund. A história se insere na escola do realismo fantástico, a família rural vive num tempo não cronológico. Essa experiência transformou a vida de Anna que, até então pensava em estudar moda na vizinha Juiz de Fora. Foi para o Rio de Janeiro, onde aperfeiçoa sua formação de atriz e se envolve em vários coletivos na cidade, sem esquecer suas origens.

“A Família Dionti” motivou uma iniciativa transmídia de educação midiática nas escolas da cidade. Gustavo Baldez, Coordenador de Marketing do Polo, lembra que no lançamento, em 2017, foi proposta uma ação em cima da trama do filme para que os alunos da rede estadual criassem expansões narrativas do universo da história<sup>4</sup>. O projeto Escola Animada foi desenvolvido em dez escolas públicas da zona da mata de Minas. Depois de uma exibição para 150 crianças, com a presença do diretor do filme, a produtora e os artistas mirins, foram realizadas durante meses oficinas de cocriarão. Os estudantes criaram 11 curtas metragens a partir da história do filme;

Gustavo Baldez avalia a experiência transmídia como um dos principais caminhos de integração da produção de filmes com o dispositivo de educação. Aceleradora Transmídia é um empreendimento criativo do Polo Audiovisual da Zona da Mata que tem por meta expandir a produção audiovisual brasileira para novos públicos e mercados nacionais e internacionais. Em 2016, foram reunidos em Cataguases um coletivo de 25 realizadores audiovisuais de Minas Gerais para desenvolver conteúdos em múltiplos formatos. O resultado foi o desenvolvimento do projeto Estações

---

<sup>3</sup><http://www.afamiliadionti.com.br/>

<sup>4</sup><http://www.afamiliadionti.com.br/producao-de-curtas-nas-escolas/>

Criativas, parceria da Fábrica do Futuro com BH.TEC, a Fundação Cultural Ormeo Junqueira Botelho e o Sebrae-MG, reunindo um hub de nove produtoras da capital e sete de Cataguases.

A busca de modelos inovadores que buscam aliar a produção cinematográfica às redes digitais participativas presente no empreendimento da Aceladora Transmídia, convive com modelos mais tradicionais de difusão, como a Rede Cineclubes, implantada em 24 salas em escolas e centros culturais de 12 cidades da região.

## 6. CONCLUSÃO

O conjunto dessas iniciativas desenvolvidas nos últimos anos explicitam essa tríplice característica do arranjo produtivo local em torno do cinema, a produção, a difusão, a educação. Assim, a partir do que foi descrito podemos concluir que o sucesso do arranjo produtivo de cinema em Cataguases se deve a alguns motivos.

- a) Há na experiência de Cataguases uma conexão entre o setor produtivo local e a cultura. A partir dessa realidade, a viabilização de instituições de terceiro setor teve um protagonismo no modelo de arranjo da atividade cinematográfica na região. A existência de um vínculo de identidade entre as empresas, de base familiar, e a cidade tornou possível historicamente a simbiose entre capital e cultura. É possível estimular essa conexão em outros territórios onde elas ocorram.
- b) A existência dessa realidade foi dinamizada pela atração de importantes mediadores culturais, tais como o grupo liderado por César Piva, que, em diálogo, com o terceiro setor, os poderes públicos e privados conseguem elaborar uma pauta comum, se situando numa esfera independente em relação aos revezamentos de poder na política institucional. É preciso tornar os arranjos produtivos criativos fortes o bastante para serem blindados de interesses mais imediatos e isso se faz com a consolidação de um grupo de trabalho robusto e representativo.
- c) O contexto de Cataguases possibilitou a criação de um círculo virtuoso em que as ações se sucedem vindas de diferentes pontos da rede local organizada. A iniciativa de uma instituição do terceiro setor, como, por exemplo, melhorar os equipamentos culturais da cidade, é sucedida por outra instituição, que passa a privilegiar, por exemplo, a realização de oficinas.
- d) A maturação das discussões até o ponto exato da escolha de uma vocação a ser construída a partir de uma referência histórica: no caso de Cataguases é a experiência do cinema. É

possível construir um caminho criativo para uma determinada cidade, mas é necessário buscar vínculos histórico e culturais que fazem parte dessa realidade.

- e) O modo de funcionamento do Polo estimula a produção de histórias com “cor local”, o que se traduz em novas possibilidades de escrita de roteiros e diálogos entre gerações diferentes do cinema brasileiro, possibilitando a criação de narrativas de territórios não hegemônicos.
- f) Apesar da organização horizontal e participativa, dos fóruns de debate e discussão é preciso a definição clara da governança do projeto. No caso de Cataguases ela é representada hoje pelo Polo Audiovisual da Zona da Mata.

No que se refere aos aspectos mais diretamente relacionados à cadeia produtiva do cinema, o exemplo de Cataguases demonstra:

- a) A inovação do modelo está relacionada à forma como é capaz de articular produção, difusão e educação em torno do eixo cinematográfico.
- b) O aspecto da produção está articulado a criação de um mecanismo inicial de atração de projetos através do estímulo financeiro, como é o caso da participação da Energia nos editais, mas com um planejamento que foge do modelo paternalista, na medida em que os atrativos técnicos e profissionais encontrados na cidade se tornam atraentes e competitivos, eliminando, com o tempo, a necessidade de uma única fonte de recursos. Essa transição já está sendo feita em Cataguases e pode ser um importante indicativo da relação do cinema com as políticas públicas e o espaço de empreendedorismo.
- c) A criação de uma equipe de apoio técnica, atuante, e comprometida se deve à um processo formativo continuado e a percepção de que o trabalho pode resultar em ganho financeiro, tornando possível uma situação mais rara na sociedade industrial clássica. As novas gerações criativas compreendem que podem ter um destino diferente dos pais que eram operários das indústrias.
- d) O modelo de difusão das produções, através de rede de cineclubes e mostras itinerantes de cinema, pode ser replicado em outras localidades que buscam o acesso da população aos filmes produzidos. É preciso criar canais alternativos de distribuição e popularização do cinema, hoje também facilitadas pelas plataformas digitais.
- e) Os critérios de seleção dos projetos a serem filmados em Cataguases revela a dupla dimensão do projeto- econômica e educativa. Escolher produções maiores com orçamento mais generoso amplia a cadeia produtiva do Cinema, afetando mais a rede de bares restaurantes, serviços da cidade. Ao passo que produções de menor estrutura, podem ser



viabilizadas contando com a rede de profissionais disponíveis na cidade que a cada filme ampliam a capacidade de trabalho e o domínio das diferentes funções.

- f) A rede entre os realizadores locais e aqueles que vem filmar na cidade influencia tanto o processo formativo das novas gerações, em Cataguases, quanto é capaz de trazer maior diversidade à produção de cinema no Brasil, que passam a contar com profissionais, atores, atrizes, equipes de animação, arte etc., fora do eixo dos grandes centros.
- g) O respeito aos criadores locais com a criação de editais voltados à produção regional é aspecto que traz maior diversidade ao cinema brasileiro, através de novos olhares e saberes. Aspecto que se traduz na criação de roteiros originais, valorizando o ambiente das cidades da região.

Objetivou-se com o estudo de caso apresentar os elementos de sustentabilidade de um cluster do audiovisual, a partir da experiência do Polo Audiovisual da Zona da Mata. A construção do relato, a partir de um entrecruzamento entre a arqueologia foucaultiana o jornalismo voltado à descrição dos atores e do contexto envolvido, pode se configurar como ferramenta auxiliar no diagnóstico de potencialidades de novos cluster no campo audiovisual, considerados nas dimensões econômicas e simbólicas.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **Signatura Rerum-** Sobre o Método. Tradução de Andrea Santurbano, Patrícia Peterle. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2019.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajetórias Geográficas.** 2ª edição, Rio de Janeiro: Bertrand, 2001.
- CRISTOFOLETTI, Rogério. **A crise do jornalismo tem solução?** Barueri: São Paulo, Estação das Letras e Cores, 2019
- CUNNINGHAM, S. **Trojan horse or Rorschach blot?** Creative industries discourse around the world. International Journal of cultural policy. V.15, n.4, p-375-386, 2009.
- FLORIDA, Richard. **A ascensão da classe criativa: e seu papel na transformação do trabalho, do lazer, da comunidade e do cotidiano.** Tradução de Ana Luiza Lopes. Porto Alegre: L&PM,2011.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do Saber.** Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2004.
- FOUCAULT, Michel. **O Corpo Utópico; as heterotopias.** São Paulo: n 1 Edições, 2013.
- FURTADO, Celso. **Ensaio sobre Cultura e o Ministério da Cultura.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2102.

GARNHAM, N. **From cultural to creative industries: an analysis of the implications of the “creative approach” to arts and media policy making in the United Kingdom.** International Journal of Cultural Policy, v.11, n.1, pp-15,29, 2005.

HAN, Byung- Chul. **Sociedade da Transparência.** Petrópolis: Vozes, 2017.

JENKINS, Henry; GREEN, Joshua; FORD. **Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável** São Paulo: Editora ALEPH, 2014.

LATOURETTE, Bruno. **Redes que a razão desconhece: Laboratórios, Bibliotecas, Coleções** in Tramas na Rede - Novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação. Org. André Parente. Editora Sulina: Porto Alegre, 2013.

KOOLAAS, Rem (1988). **Pós-escrito: introdução à nova pesquisa sobre “a cidade contemporânea”.** In; NESBITT, Kate. Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995). Tradução Vera Pereira. São Paulo, Cosac Naify, 2013.p.356-357.

KOEN, P. A.; Bertels, H. M. J.; Kleinschmidt, E. (2014). **Research Technology Management.** Managing the front end of innovation-part I: Results from a three-year study (v. 57, pp. 34–43).

MASSAROLO, João e MESQUITA, Dario. **Arranjo Produtivo Local (APL Audiovisual): Redes de criação e experimentação transmídia** in Desafios da Transmídia: Processos e Poéticas. Massarolo, Santaella; Nesteriuk (org). São Paulo: Estação das Letras, 2018.

MUNOZ, Francesc. **Urbanización: paisajes comunes, lugares globales.** Barcelona: Gustavo Gili, 2004.

PÁL Pelbart, P. **A Vertigem por um fio- Políticas da Subjetividade Contemporânea.** São Paulo: Editora Iluminuras, 2000.

PIVA, César. **O Audiovisual e territórios criativos para um novo eixo de desenvolvimento sustentável em Minas Gerais.** In: Economia Criativa: Inovação e Desenvolvimento. Belo Horizonte, Editora UEMG, 2017.

ROCHA, Glauber. **Revisão Crítica do Cinema Brasileiro.** São Paulo: Cosac & Naif, 2003.

SANDANO, Carlos. **Para além do código digital, o lugar do jornalismo num mundo interconectado.** São Carlos: Edufscar, 2015.

SANTAELLA, Lúcia. **Temas e Dilemas do pós-digital.** A voz da política. São Paulo: Paulos, 2016.

SANTOS, Milton. **O território e o saber local: algumas categorias de análise** In: Cadernos IPPUR/UFRJ ano 1, n.1 (jan-abril.1986). Rio de Janeiro: UFRJ/IPPUR, 1986

SANTOS, Milton. **Sociedade e Espaço: A Formação Social como Teoria e Método,** In: SANTOS, Milton. Espaço e Sociedade. Petrópolis/RJ, Vozes, 1979, 152 p.

SCHWARZAMAN, Sheila. **Humberto Mauro e as representações do Cinema Brasileiro**. In: Coleção Cinema Brasileiro, Humberto Mauro, volume 1. Gillone, Daniela (org). São Paulo: Três Artes, 2015.

TOLEDO, Andrea Vicente Abreu. **Aprendizados Intergeracionais em Cinema: de Humberto Mauro ao Polo Audiovisula da Zona da Mata Mineira**. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Educação, 2020.

SOLUTIONS JOURNALISM NETWORK in <https://www.solutionsjournalism.org/>, acessado em 23/06/2020.

VEYNE, Paul. **Foucault seu pensamento, sua pessoa**. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2011.

WERNECK, Ronaldo. **Kiryri Rendáua Toriboca Ope. Humberto Mauro revisto por Ronaldo Werneck**. São Paulo: artepauBrasil, 2009.

### Informações sobre o Artigo

**Resultado de projeto de pesquisa, de dissertação, tese:** Resultado do Projeto de Pós-doutorado no Departamento de Informação e Cultura da ECA/USP, sob supervisão do Professor Eugênio Bucci.

**Fontes de financiamento:** Não se aplica.

**Apresentação anterior:** Não se aplica

**Agradecimentos/Contribuições adicionais:** ao Polo Audiovisual da Zona da Mata, Rede de Cidades Criativas da Unesco e Departamento de Informação e Cultura, ECA/USP.

### Pedro Henrique Varoni de Carvalho

Possui graduação em Comunicação Social - habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Minas Gerais (1989), mestrado em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (2008), doutorado em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (2013) e pós-doutorado em informação e cultura na ECA/USP (2020). Foi Diretor Editorial do Projor- Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo- e editor responsável pelo Observatório da Imprensa (2017-2021). Já atuou durante 25 anos em redações de telejornalismo, ocupando cargos de gestão (1990-2015). Foi Diretor Geral da EBC- Empresa Brasil de Comunicação (2016). É Professor do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos de do Programa de Pós-Graduação em Linguística.

**E-mail:** [pedrovaroni@ufscar.br](mailto:pedrovaroni@ufscar.br)

**ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-1492-4891>